

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© All rights reserved.

Prefácio de Armando Martins Janeira

à 2.ª edição de *O Culto do Chá* de Wenceslau de Moraes, Vega, 1996

O Culto do Chá é um poema, um belo poema em prosa. Sente-se a fascinação do Autor pelo seu assunto, o gosto de esmerar o estilo, o encantamento do esteta pelo brilho musical da frase, o pendor para o raro e inaudito.

Wenceslau de Moraes (1854-1929) é um apaixonado pelo Japão; mas a sua simpatia é mais larga – é grande admirador da Ásia, naquilo em que ela supera o Ocidente: na vastidão e variedade das suas paisagens, na profundidade das suas crenças, no seu sentimento do sagrado, nas suas antigas tradições, nas suas lendas, sonhos e quimeras.

O Culto do Chá foi publicado em 1905, em Kobe, numa linda edição de Autor, ilustrada com gravuras a cores de Yoshiaki. Wenceslau, cônsul em Kobe desde 1898, logo a partir dos primeiros dias vai observando com interesse vivo os vários modos da vida japonesa; esta digressão sobre o culto do chá é prova de que aprendera dela já muitos aspectos.

Viera de Macau, onde ocupava o lugar de imediato do capitão do porto. Vivia na Rua da Felicidade, levando para a sua companhia uma jovem chinesa, Atchan, de quem fala com mais piedade que amor, apesar de lhe ter dado dois filhos. Macau e a China inspiram-lhe poucos escritos – alguns contos e narrativas no seu primeiro livro, Traços do Extremo Oriente, e nas Paisagens da China e do Japão. O mais da sua Obra está ligado ao Japão. O Nippon fascina-o: «Para mim afirmou-se este lema desolador – não vale a pena viver quando não seja o sol do Nippon que nos aqueça.» Todavia Wenceslau sabe bem que não poderá ser absorvido por uma civilização diferente, nunca poderá sentir a vida e o mundo como um Japonês: «O quimono que visto não me naturaliza e apenas me apresenta em tristes ares de mascarado.» Em tudo que é japonês encontra encanto, até num comboio ou numa estação de caminho-de-ferro!

N'O Culto do Chá encontramos fina e levemente aludidos os pontos de fundo da sua Obra: o encantamento do Japão, o fascínio da mulher japonesa, a beleza de

idílicas paisagens, a poesia da vida, o mistério de antigas lendas. Acima de tudo, a mulher japonesa enleva-o, «figurinha meiga e ondulante [...] que é, em suma, a Eva mais gentilmente pueril, mais cativantemente quimérica, mais feminina enfim de todas as Evas deste mundo».

Ao lado de tantos louvores por tudo que é japonês, mostra permanente animadversão para com o Ocidente. Nesta «indústria graciosa», ocupada por «camponesas esbeltas e trajando roupas novas», o chá exportado para os Estados Unidos, grande consumidor, é «ali trabalhado por máquinas a vapor, onde fumegam chaminés e guincham engrenagens; e ocupa-se no preparo um mundo feminino inqualificável, escória das cidades, esfarrapado, piolhoso, horripilante, que a gente vê sair das fábricas à tarde como uma leva de mendigas, cheias de pó, de pústulas, de misérias». Wenceslau devia saber que então o capitalismo japonês era ainda mais cruel e desumano, mulheres e crianças eram arrebanhadas à força nos campos para as fábricas com um salário miserável, aboletadas em enormes dormitórios colectivos, com horas marcadas para deitar, levantar e refeições, não podendo ausentar-se da fábrica sem licença dos patrões.

Tomar chá é o símbolo mais comum e mais elevado da sociabilidade japonesa. Wenceslau de Moraes dá uma ideia perfeita da importância do chá na vida japonesa. O chá facilita o convívio, cria um ambiente propício à familiaridade, como à discussão séria de problemas. Pode dizer-se que no Japão sem uma chávena de chá não se conclui um negócio, não se assenta um plano industrial ou de comércio, não se combina um casamento. Na política, é tomando chá que se estabelecem programas, consensos, apoios, coligações. Há anos um político conhecido fez uma conferência sobre a «importância das casas de chá na política japonesa». Os Japoneses, como se sabe, são grandes trabalhadores, desenvolvem uma actividade intensa, quase frenética, na luta pelo êxito. Talvez por isso dão tal importância à tranquila Arte do Chá e à gentil Arte das Flores, aonde vão buscar alívio para o stress, aspirar harmonia e serenidade.

A tendência para a estabilização deste povo de estetas levou o simples acto de beber chá ao cúmulo dos requintes, na cerimónia do Cha no yu. Existem escolas da Arte do Chá, e há grandes mestres. O maior de todos, que deu a este ritual a forma definitiva, foi Sen Rikyu, que viveu no século dezasseis. Mestre Sen frequentou os missionários, e assistiu mais de uma vez à missa, observando atentamente o ritual litúrgico. Daí adoptou vários gestos que incorporou na Cerimónia do Chá na forma que

hoje se pratica. Hoje as grandes empresas, à imitação dos senhores feudais de outrora, têm ao lado do edifício de dezenas de andares onde trabalham, quase oculto nas verduras do jardim, um pequeno pavilhão onde se celebra a Cerimónia do Chá em honra de visitantes ilustres.

O chá tem profunda influência na sociedade japonesa. Os aspectos sociológicos da Cerimónia do Chá, a sua importância nas relações sociais, foram objecto de uma análise profunda feita por um outro Português, o P.^e João Rodrigues (1561-1634). Tão profundo é o seu conhecimento e tão completa a sua exposição, que ainda hoje Rodrigues é lido, traduzido e louvado por estrangeiros (em Portugal quase ninguém o conhece). O seu estudo sociológico compreende quatro capítulos do livro História da Igreja do Japão¹.

Wenceslau preferiu abordar O Culto do Chá não como sociólogo, mas antes como poeta: exalta a beleza da terra, as moças formosas apanhadeiras de chá, a alegria das cantigas, a folia, o perfume do campo, a linha nobre dos ritos, preocupado apenas com os aspectos humanos e com a poesia íntima das coisas. É isso que dá ainda hoje vida e frescor à sua obra.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com excepção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@armandomartinsjaneira.net.

¹ Michael Cooper traduziu, com algumas omissões intencionais e sem significado, a História sob o título This Island of Japon (Kodansha International, Tóquio, 1973) e escreveu uma biografia intitulada Rodrigues, the Interpreter (Weatherhill, Tóquio, 1974).